

Tensão, cães, reza e música clássica

Sacoleiros pernoitam na feira, fazem ritual religioso, queimam bandeira e criticam o governador por fixá-los e depois removê-los

Marcelo Abreu
Da equipe do Correio

Uma fogueira, café quente, pão dormido e cobertor puído. Com esses aparatos, reunidos na Praça Central da Feira do Paraguai, pelo menos 200 resistentes camelôs aqueceram o frio e passaram a madrugada de terça-feira. Alguns não pregaram o olho. Muitos dormiram em cima da própria barraca.

Logo nas primeiras horas, às 5h30, todos já estavam de pé. Começaram uma oração, em volta da fogueira, em que imploravam a ajuda de Deus para que a feira não fosse transferida. Aproveitando o fim das brasas que aqueceram a madrugada, rezaram um Pai Nosso de mãos dadas.

Acabada a oração, levantaram a bandeira do Brasil e cantaram o Hino Nacional. Passado o momento

ecumênico e o espírito patriótico, começaram as discussões.

Um camelô foi ao porta-voz e advogado dos feirantes, Joel Câmara, reclamar que um policial o havia ameaçado de morte.

"Fui falar com ele (com o policial) e o cara veio me ameaçar. Onde estão os meus direitos de cidadão?"

queixou-se o camelô. "Calma, vamos mostrar que os trabalhadores da Feira do Paraguai são pessoas educadas. Conhecedoras dos seus direitos. Se revidar, vai ser pior", aconselhava o protetor Joel. Não adiantou. Minutos depois, começava o tiroteio verbal.

Apontando com o dedo indicador direito para o Palácio do Buriti, uma feirante vestida numa calça fúseau preta, blazer listrado e cabelos ruivos penteados em trança, não economizou adjetivos. Descontou a raiva com a presença dos policiais no Palácio do Buriti.

"Esse bandido (referindo-se ao governador Cristovam Buarque) falou a UnB (Universidade de Brasília) e está lá (mostra o palácio). Nós, que somos trabalhadores, não podemos ficar aqui e ainda temos que sair escorçados por uma tropa de choque como se a gente fosse bandido. Quando foi fazer campanha, soube ir de feira em feira com discurso de tudo pelo trabalhador".

A feirante foi ovacionada. Outro companheiro interveio: "Se viemos parar aqui foi ele mesmo que nos colocou. Agora tá querendo se livrar da gente com papo de ilegalidade e de tombamento da cidade. Por que não pensou nisso antes? Por que deixou que a gente ficasse aqui todo esse tempo?"

Mais aplausos. Chegou a vez da líder dos feirantes, Meire Amorim, discursar num microfone, cuja caixa

de som estava pendurada em cima de uma Opala preto, estacionado no meio da Praça Central.

BAIXINHA GIGANTE

"Não estamos impondo resistência, mas lutando pelos nossos direitos", gesticulava a miúda Meire. Diante de um microfone, a mulher que mede 1,53 metro tornou-se gigante.

Os mais revoltados não se contiveram. Queimaram a bandeira do Partido dos Trabalhadores (PT) e uma foto do governador em que abraça alguns camelôs. "Queima ele, queima!", gritavam uns. "Queima esse traidor safado. Ele nunca mais será eleito, em nome de Jesus!", bradavam outros da ala evangélica. Em segundos, a foto de Cristovam e a bandeira do PT viraram pó.

Tentando acalmar os ânimos mais exaltados, a líder falava ao microfone. "Vamos ter calma, não vamos transformar a feira em guerrilha. Esse local é abençoado por Deus", pedia a líder evangélica.

Ânimos contidos, chegou o momento da grande oração em volta da Praça Central. De joelhos, os feirantes deram-se as mãos e mais uma vez rezaram um

Pai Nosso. Grudada ao microfone ao lado do Opala preto, Meire leu o Salmo 93 — aquele que diz "o Senhor é meu pastor e nada me faltará..."

Em reprise, Joel Câmara, o incansável advogado dos feirantes, puxou o Hino Nacional. Errou a letra três vezes. Atropelou algumas frases. Detalhe: bôbo. Os feirantes nem perceberam.

MÚSICA CLÁSSICA

Paradinho num canto, o Trem das Cores, o caminhão de som trazido pela Administração de Brasília — de onde eram repassadas as informações do administrador Antônio Carlos Andrade sobre a retirada das barracas — abriu a garganta por volta das 9h30.

Frustrou-se quem esperou por algum frenesi baiano. Nada de Daniela Mercury nem Carla Perez. No estacionamento da Feira do Paraguai — cercada por 1,3 mil policiais militares e homens da tropa de choque, armados com cacetetes, revólveres e cachorros — como se fosse haver ali uma guerra — ouviu-se música clássica e da Nova Era (usada em terapia de relaxamento e meditação).

Algo completamente inimaginável para um lugar onde os ânimos estavam alterados. Onde o que menos se queria ouvir era música. "É palhaçada. Eles vêm com esse monte de soldado e cachorro pra cá e ainda botam essa música", irritou-se uma feirante, que se identificou apenas como Maria de Fátima.

"SE VIEMOS PARAR AQUI FOI ELE MESMO (O GOVERNADOR) QUE NOS COLOCOU. AGORA TÁ QUERENDO SE LIVRAR DA GENTE COM ESSE PAPO DE TOMBAMENTO"

Um feirante anônimo ao discursar do carro de som

Carlos Eduardo



Os sacoleiros recolheram em sacolas os produtos que serão vendidos na nova feira. Resignados, fizeram a mudança, mas não pouparam críticas ao governo

O HOMEM QUE FOI SALVO PELA DENTADURA

Gláucio Dettmar



Joel Câmara apareceu na Feira do Paraguai em uma cadeira de rodas

Ele não perde uma chance de aparecer. Quanto mais tumultuado o cenário, melhor. Assim, sua participação fica mais evidente. Quebrou a perna e machucou as costas durante o conflito na Invasão da Estrutural, na semana passada. Acompanhou a mudança da Feira do Paraguai, na manhã de ontem, alardeando sua condição de líder dos feirantes.

Entretanto, no estacionamento do Estádio Mané Garrincha, conseguiu apenas alguns minutos de glória. Preso em uma cadeira de rodas, por causa da perna quebrada, foi empurrado pelas ruas da feira por comerciantes em êxtase, rezando e gritando. Eles pensavam que o advogado obtivera, na Justiça, liminar que garantia a permanência da Feira do Paraguai.

Alarme falso. Ele deu de ombros. Pelo menos uma coisa ele tem de sobra: paciência para levar adiante batalhas jurídicas e garantir seu comando. Aos 65 anos, com 36 de advocacia, Joel Sampaio de Arruda Câmara se orgulha de defender causas ilegais. Os invasores da Estrutural e os feirantes do Paraguai são seus clientes mais famosos.

A fantástica dentadura é sua marca registrada. Certa vez, chegou a salvar-lhe a vida. Jurado de morte, foi capturado pelo assassi-

no contratado para lhe matar. Na hora da execução, o assassino, espantado, perguntou: "É você?!" Reconheceu no dentuço advogado um amigo de juventude. "Se não fossem os dentes, você teria morrido", alertou o homem.

Dentuço, grisalho e franzino, Joel foi um dos responsáveis pela retirada pacífica das bancas da Feira do Paraguai. Todo o tempo, tentou apaziguar o ânimo dos feirantes mais revoltados. "Tenho PhD em violência. Quero a paz, mas estou preparado para a guerra", ressaltou ele, que se diz um ex-guerrilheiro.

Joel tem um escritório de advocacia onde raramente é encontrado. Não gosta de falar em dinheiro, mas admite que não é "nenhuma Madre Teresa de Calcutá". Segundo os próprios feirantes, a última ação judicial do advogado (aquela de ontem, que não deu em nada), por exemplo, custou R\$ 8 mil para um grupo de 800 feirantes — R\$ 10 para cada um.

Pernambucano, Joel Câmara é casado e tem três filhos. Mora no Lago Sul e é evangélico. Aliás, a religião é uma das justificativas que ele usa para sua militância: "Em cada invasão que eu ajudo a assentar, construo uma igrejainha", diz, com um de seus sorrisos singulares.

Mudança com onda zen

A cantora irlandesa Enya e o compositor alemão Franz Schubert fizeram a trilha sonora da remoção da Feira do Paraguai. Policiais em posição de sentido, pareciam em transe. Feirantes revoltados, andando de um lado para o outro, nem ligaram para a inédita onda zen.

Para o administrador Andrade, formado em psicologia, havia motivo para escolha do inusitado repertório. "Esse tipo de música acalma e relaxa as pessoas", disse, falando sério.

A cada "comunicado" (como o administrador se referia aos avisos), os feirantes reagiam com vaias. Alguns, mais descontrolados, faziam sinais obscenos. Não radiaram os decibéis exagerados de Schubert que safam do Trem das Cores.

O administrador-psicólogo percebeu que a técnica não estava dando resultado. Precavido, de cima do caminhão, pontualmente às 10h, fez mais um apelo. O último. "Estamos em processo de paz. Não queremos conflito."

Repassados os "comunicados", chegou a hora da ação. Em seguida, os 50 caminhões da Novacap, um a um, estacionaram entre as barracas. Quatrocentos funcionários começaram a operação des-

monte. Alguns feirantes preferiram desmontar eles mesmos suas barracas.

Apesar da resistência, não houve conflito. Enfileirados, os soldados entraram pelos corredores da feira para garantir que a retirada não seria impedida. Os feirantes não ofereceram resistência. Aos poucos, cada barraca era guinchada e colocada em cima de um dos caminhões.

Em fuscas caindo aos pedaços, mas também em carros zero quilômetro (alguns ainda com plásticos nos assentos), os feirantes guardavam as mercadorias. Os carros ficaram fora do estacionamento.

Resignado com a transferência da feira para a área ao lado da Ceasa (Centrais de Abastecimento S/A), um feirante falou para quem quisesse ouvir: "A gente não pode desanimar não, pessoal! Amanhã mesmo já tô na estrada. O que não me falta é encomenda pro Paraguai!"

Enquanto isso, desarma daqui, guarda mercadoria dali, junta o que sobrou acolá, o Trem das Cores embriagava-se com a música relaxante da cantora Enya. Coincidência ou não, pelo menos no estacionamento do Mané Garrincha o paraíso do contrabando nunca esteve tão zen. (MA)